

Toru Maruyama (Nagoya)

**A Palavra NATUREZA —
a diferença e o ponto comum do seu conceito
entre Portugal e Japão nos séculos XVII e XVIII**

A minha comunicação é sobre a palavra NATUREZA na língua portuguesa e na língua japonesa dos séculos XVII e XVIII. Escolhi esta palavra porque é um conceito muito importante na época das Luzes. Mas NATUREZA é um tema muito extenso para uma comunicação curta. Não há uma conclusão definitiva nesta apresentação, mas espero que haja algumas especulações significativas acerca do que eu falo sobre a palavra japonesa SHIZEN, uma tradução moderna, ou a tradução desde o fim do século XVIII à actualidade, da palavra NATUREZA do mundo ocidental.

De acordo com o Vocabulário português e latino de Raphael Bluteau, a palavra NATUREZA tinha os seguintes sentidos no século XVIII: princípio de todos os movimentos necessários, & operações naturaes; a máquina do Universo; essência; a ordem natural...; a providência divina; instinto, virtude, qualidade, & propriedade de qualquer creatura; a ley da natureza; um virtude que rege o corpo do animal; casta, genero, sorte; a terra do nascimento etc.

O Dicionário da Língua Portuguesa de Moraes regista os seguintes sentidos para a palavra NATUREZA:

1. todo o Universo, todas as coisas criadas;
2. sorte, qualidade, classe espécie;
3. os attributos e propriedades, que constituem o ser, a essência das coisas;
4. leis da Natureza fisica;
5. lei da Natureza moral;
6. instincto natural;
7. pátria.

A palavra japonesa moderna meio equivalente de NATUREZA desde o final do século XVIII até aos nossos dias é SHIZEN e tem em geral os seguintes dois sentidos:

1. todo o Universo e todas as coisas naturais;
2. natural ou naturalmente.

Segundo os meus estudantes da língua e literatura japonesas, os japoneses na vida quotidiana usam esta palavra como se vê nos seguintes exemplos:

- 1a) Nihon no SHIZEN wa utsukushii. (A natureza do Japão é bonita.)
- 1b) Itsumademo SHIZEN o taisetsunishitai. (Queríamos proteger/favorecer a natureza [= o meio ambiente] para sempre).
- 1c) Nihon ya Porutogaru niwa mada hito no te no haitteinai SHIZEN ga nokotteiru. (No Japão e em Portugal ainda há uma natureza menos domada pelo homem.)
- 2a) SHIZEN kagaku (ciência natural), SHIZEN tetsugaku (filosofia natural), SHIZEN toota (selecção natural), SHIZEN hoo (leis naturais), SHIZEN benshoohoo (dialéctica natural), SHIZEN kankyoo (ambiente natural) etc.
- 2b) SHIZEN ni soonatta. (Tornou-se assim naturalmente.)
- 2c) Kusurinashide byooki wa SHIZEN ni naotta. (Sem medicamentos, sarou-se naturalmente.)

Lembre-se que esta palavra SHIZEN em geral não tem sentido de qualidade ou característica de alguma coisa. Por isso, para expressar o conceito «natureza humana» não se pode usar a palavra SHIZEN na língua japonesa. Nós usamos a outra palavra, SEI, para expressar o conceito «qualidade ou característica de alguma coisa» como NIN-GEN-SEI (natureza humana). A palavra SHIZEN na língua japonesa moderna significa em primeiro lugar «todo o Universo» ou «o mundo material excluindo em geral, inclusive às vezes, seres humanos» e, em segundo lugar, significa «natural» ou «naturalmente» com o sufixo adverbial NI. Esta é a situação linguística do século XXI.

Importa notar também que este segundo sentido é o sentido principal da palavra desde o século XVIII. Isso significa que a palavra SHIZEN tem sido usada mais como adjectivo e advérbio do que como substantivo.

Há quatrocentos anos, ou no final do século XVI, porém, não havia a palavra japonesa equivalente a NATUREZA como sugerem as explicações no dicionário Latim-Português-Japonês compilado pelos missionários portugueses. Existe a seguinte explicação para a entrada «Natura»:

Natura, ae. Lus. Natureza. Iap. Monono xō.

«Monono xō» literalmente significa «característica das coisas». Mas ao mesmo tempo no mesmo dicionário de Latim-Português-Japonês há a seguinte explicação para a entrada «Desultoria natura»:

Desultoria natura. Lus. Natureza varia, ou inconstante.

Iap. Fenyeqi suru Natura (Fenyeqi suru = que se varia)

Este dicionário Latim-Português-Japonês foi feito no ano de 1695 com base no Dicionário de Calepino — a única edição dentro da longa história de Calepino que contém japonês e/ou português. Na explicação acima, a palavra NATUREZA é utilizada sem ser traduzida. Isso sugere que ainda não existia no Japão o conceito equivalente a natureza, ou pelo menos não havia a expressão geral equivalente a NATURA na língua japonesa daquela época. Será então que a palavra japonesa moderna SHIZEN, expressão meio equivalente a NATUREZA desde o fim do século XVIII até hoje, ainda não existia naquele tempo? Não! Já existia. Os jesuítas portugueses também publicaram um dicionário Japonês-Português no início do século XVII. Este dicionário Japonês-Português compilado pelos padres jesuítas nos anos 1603-1604, contém mais de 32.000 palavras japonesas com explicações em português. Este dicionário não somente regista essas palavras como também as explicações nele contidas são muito minuciosas. Inclui as diferentes modalidades de falas infantil e feminina, dialectos, palavras, linguagens específicas para a escrita, poemas, etc., sendo algumas das modalidades apresentadas em forma de código de ordem estilística como B por Baixo, X por Ximo (parte inferior), P por Poesia, Bup por Budismo etc.

Este dicionário regista a palavra SHIZEN (-Xijen) — a palavra meio equivalente a NATUREZA na língua japonesa moderna como se vê no seguinte exemplo:

Xijen. Moxi. Por ventura (f301r).

A palavra «Moxi» é a expressão indígena japonesa que significa «se (por acaso)». Xijen (palavra emprestada da China há muito tempo) = Moxi (palavra indígena japonesa com o sentido «se (por acaso)» = Porventura).

Uma explicação muito simples com nenhum exemplo é que talvez tenha sido uma palavra pouco importante naquela época. Explicar como terá sido escolhida esta palavra para a tradução japonesa de NATUREZA (Natuur na língua holandesa) nos séculos XVIII e XIX, é complicado e tem uma longa história. Devemos notar que essa pala-

vra SHIZEN (XIJEN) tinha o sentido de «por ventura» ou «por acaso» naquela época. Usava-se esta palavra, como se vê, nos seguintes exemplos do japonês medieval:

1. SHIZEN Kamakura ni onnbori araba otazuneare. (Yokyoku – Hachinoki) (Se por acaso estiver em Kamakura, visite-o.)
2. SHIZEN no koto soorawaba Yorimori kamaete tasukesasetamae. (História da família Feigue.) (Se por acaso acontecer alguma coisa, salve Yorimori principalmente.)
(Literalmente, significa: se acontecer alguma coisa de natureza...)
3. SHIZEN Buaku ga yuurei dewa gozarumaika. (Kyogen Buaku)
(Talvez seja o fantasma de Buaku.)

A palavra SHIZEN foi antigamente emprestada pela China e já aparecia nos documentos japoneses no século VIII. Primeiro, essa palavra significava «Por si mesmo, em si mesmo, de si mesmo» e não tinha o sentido «por acaso». Na China, também a palavra original ZIRAN nunca tinha o sentido «por acaso». A acepção «por acaso» apareceu somente depois na língua japonesa medieval. A possível mudança semântica no Japão é a seguinte:

por si mesmo, em si mesmo, de si mesmo (→ naturalmente)
 → super-humano
 → incontável (ou inevitável → o fado)
 → por acaso (no caso em que morrer)

As coisas casuais pela perspectiva humana podem ser as necessidades à luz do plano super-humano ou do Universo.

O empréstimo da China tinha duas maneiras de se ler no Japão:

1. Shizen (Xijen) = por ventura (*Vocabulário* f301r).
2. Jinen (Iinen) = per si, ou naturalmente (*Vocabulário* f142v).

Diz-se que por causa do segundo sentido comum ao Japão e à Europa, esta palavra SHIZEN (= JINEN) foi escolhida como a tradução por Natuur, ou Natureza. O primeiro sentido é considerado, em geral, como nada tendo a ver com esta escolha da palavra correspondente a NATUREZA.

Mas o que me interessou muito foi o facto de a palavra com o sentido “por acaso” em certo período no Japão ter sido escolhida para a tradução japonesa de NATUREZA, porque o conceito de NATUREZA também tem que ver com o conceito «por acaso». No único livro

que consegui ler no Japão sobre esse tema, *A Ideia de Natureza no século XVIII em Portugal* por Pedro Calafate, o autor dedicou um capítulo inteiro ao tema «o acaso e o milagre». Parece que o conceito de natureza em Portugal no século XVIII também se relacionava com o conceito «por acaso». Na Inglaterra também da mesma época Shaftesbury afirma que «She (= Nature) has by Accident, through many Changes and Chances, raised a Creature, [...]» em *Characteristics of Men, Manners, Opinions, Times*. Talvez isso seja meramente coincidência. Se for assim, a minha apresentação não terá sentido. Se não for meramente coincidência, acredito que isso merece alguma interpretação no futuro.

Em Portugal do século XVIII o conceito de NATUREZA foi discutido quase sempre com relação a Deus: «A NATUREZA feita e controlada por Deus» — Vernei: «A NATUREZA como Deus, criador do mundo» — Frei Manuel do Cenáculo (Calafate 1994: 54, 71). No texto inteiro do livro *A Ideia de Natureza...*, quantas vezes foi usada a palavra DEUS? Este livro é sobre a ideia de natureza, não de Deus; mesmo assim, é usada a palavra Deus tantas vezes. Porquê?

A distinção entre Deus, Natureza e Seres humanos é bem mais clara em Portugal ou na Europa no século XVIII comparativamente com o conceito SHIZEN do Japão. No Japão, em certo sentido, o conceito SHIZEN ou natureza inclui tudo inclusive Deus(es) e os seres humanos. Consequentemente, em Portugal a palavra «sobrenatural» já tinha aparecido no século XIV, mas não existia o conceito de «sobrenatural» no Japão que foi introduzido a partir da Europa no século XIX. No Japão todas as coisas, até homens e Deuses, estavam incluídas dentro de Natureza. Não havia nada sobrenatural.

Não sei muito sobre o conceito de NATUREZA e o conceito de Deus na Antiga Grécia, mas talvez hajam alguns pontos comuns entre a Antiga Grécia e o Antigo Japão com respeito a esses conceitos. E segundo os meus amigos na área da literatura alemã, é possível encontrar alguma coisa comum entre o conceito de NATUREZA para os japoneses e autores alemães como Goethe e Schiller.

O único ponto comum que consegui descobrir sobre o conceito de NATUREZA entre Portugal e Japão através das épocas é Não Artificial. Mas talvez haja mais um ponto comum — o sentido imanente POR ACASO.

Bibliografia

- Bluteau, Raphael (1712-1728): *Vocabulário Português e latino*, Coimbra: Collégio das Artes.
- Calafate, Pedro (1994): *A Ideia de Natureza no século XVIII em Portugal (1740-1800)*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Moraes e Silva, António de (1789): *Diccionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Shaftesbury, Anthony (1711): *Characteristics of Men, Manners, Opinions, Times*. Edited by Philip Ayres in 1999, Oxford: Clarendon Press.
- Dictionarivm Latino Lvsitanicvm, Ac Iaponicvm, Ex Ambrosii Calepini volumine depromptum: in quo omissis nominibus proprijs tam locorum, quam hominum, ac quibusdam alijs minus vsitatis, omnes vocabuloru significationes, elegantioresq; dicendi modi apponuntur: in vsum, & gratiam Iaponicae iuventutis, quae Latino idiomati operam nauat, nec non Europaeoru, qui Iaponicu sermonem addiscunt. In Amacvsa In Collegio Iaponico Societatis Iesv Cum Facultate Superiorum. Anno M.D.XCV.*
- Vocabvlario da Lingoa de Iapam com a declaração em Portugues, feito por algvns Padres, e Irmãos da Companhia de Iesv. Com Licença do Ordinário, & Superiores em Nangasaqui no Collegio de Iapam da Companhia de Iesvs. Anno. M.D.CIII.: (& Suplemento 1604).*